

**A ESCOLA NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E OS DESAFIOS DO ENSINO DE
GEOGRAFIA**

**THE SCHOOL IN THE KNOWLEDGE SOCIETY AND THE CHALLENGES OF
GEOGRAPHY EDUCATION**

**LA ESCUELA EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO Y LOS DESAFÍOS DE LA
ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA**

Adão Fernandes de Albuquerque¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar os processos de evolução da escola enquanto instituição diante das mudanças tecnológicas pelas quais o mundo vem passando desde a primeira revolução industrial até a presente época com foco no papel da Geografia, seu ensino e o papel do professor de Geografia dentro deste contexto. Através de uma revisão bibliográfica são discutidas todas estas nuances tendo como pano de fundo a experiência do autor enquanto Licenciado em Geografia e professor dessa disciplina há quase três décadas.

ABSTRACT

This article aims to investigate the processes of evolution of the school as an institution in the face of the technological changes that the world has been going through since the first industrial revolution until the present time focusing on the role of Geography, its teaching and the role of Geography teacher within this context. Through a bibliographical review all these nuances are discussed against the background of the author's experience as a Geography graduate and professor of this discipline for almost three decades.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo investigar los procesos de evolución de la escuela como institución ante los cambios tecnológicos por los cuales el mundo viene pasando desde la primera revolución industrial hasta la presente época con foco en el papel de la Geografía, su enseñanza y el papel del profesor de Geografía dentro de este contexto. A

¹ Mestre em Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. Asunción-PY. Contatos: Email: professoradao1@gmail.com

través de una revisión bibliográfica se discuten todos estos matices teniendo como telón de fondo la experiencia del autor mientras que Licenciado en Geografía y profesor de esa disciplina hace casi tres décadas.

INTRODUÇÃO

“Uma das numerosas coisas do céu e da terra com que não sonharam aqueles filósofos é isto - nós, o mundo moderno”.

Aldous Huxley

As mudanças tecnológicas pelas quais vem passando cada vez mais rapidamente o mundo tem provocado na escola e, em particular no ensino de Geografia, uma tentativa de discutir novas metodologias de ensino adotadas por esse campo do saber diante destas novas realidades. Inicialmente é importante contextualizar e, rapidamente caracterizar, a atualmente chamada sociedade do conhecimento.

Em todas as revoluções humanas - e entendemos aqui o termo revolução como uma ruptura ou superação de um modo de existir por outro – a tecnologia foi empregada como uma forma de se alcançar uma evolução nas ações produtivas e no pensamento humano sobre si mesmo e sobre seu futuro. O homem “sempre usou de qualquer peça para auxílio, diminuição de esforço” (IGLESIAS, 1990, p. 8) Todas as revoluções, portanto, estiveram baseadas em mudanças tecnológicas. Diferentes historiados tentam “fatiar” o tempo a partir das mudanças tecnológicas, numa tentativa de segmentar a história em períodos que possam ser compreendidos ou diferenciados uns dos outros a partir da identificação de suas características. Alvin Toffler, escritor e futurista norte-americano, conhecido pelos seus escritos sobre a revolução digital, a revolução das comunicações e a singularidade tecnológica, defendia a existência de três grandes períodos ou revoluções: a agrícola, a industrial e a digital (TOFFLER, 1980).

Após a Segunda Guerra Mundial, no entanto, o cenário mundial permitirá o estabelecimento de um terceiro período revolucionário, que é chamado de “Revolução Técnico Científica” onde a produção de conhecimento passa a ser o elemento determinante da hegemonia das sociedades, especialmente daquelas espacialmente definidas como centros mundiais do capitalismo, a saber, Estados Unidos da América, Europa e Japão.

Hoje já se fala em uma quarta revolução industrial, que tem em Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial, um de seus principais arautos. Segundo este autor,

já estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes. (SCHWAB, 2016, p. 9)

Se a primeira revolução se baseou no motor a vapor, que permitiu aos trabalhadores abandonarem a tração animal para produzir força, a segunda inaugurou a era da eletricidade e da produção em massa, que promoveram um bem estar e conforto Já a terceira revolução nos trouxe os microprocessadores e a computação permitindo salto na nossa eficiência e produtividade.

Independentemente da denominação que usaremos para identificar o atual estágio de nossa evolução enquanto sociedade, o certo é que o grande diferencial das duas primeiras revoluções em relação a estas duas últimas é o peso que se dá ao conhecimento científico como o grande agente modificador da realidade.

Nas palavras de Iglesias (1990, p.14) “a roda, o vapor e a máquina simples são descobrimentos; a lâmpada, o transmissor, o computador são inventos”. Antes, os avanços humanos estavam baseados na observação do espaço, primordialmente; hoje os avanços se referem a um aprofundamento do estudo e da pesquisa científica, daí identificarmos esse atual período como a Era do Conhecimento.

A Sociedade do Conhecimento

Entendendo a tecnologia como uma condição para a nossa existência em todos os tempos vividos, até chegarmos ao momento atual, que Morin (2000) define como a “Sociedade do Conhecimento”, admitimos que a busca pelo saber, pelo aprender e ensinar é um atributo da espécie humana em toda a sua história. Contudo, não se pode negar a velocidade com que a tecnologia hoje tem modificado a existência humana nos seus padrões culturais, sociais e políticos. Como afirma Cortella (2016, p. 10),

[...] o conceito de geração que, anos atrás, era de um espaço de 25 anos a cada nova geração, foi acelerado imensamente e nós já identificamos novas gerações num intervalo de dois ou três anos de uma para outra. Essa nova realidade tem exigido uma revisão nas formas como se apreende e se traduz o mundo cientificamente, como fica claro em Cavalcanti (2006, p. 87): As últimas décadas têm sido marcadas por intensos debates no pensamento filosófico e científico em decorrência de transformações, também intensas, no mundo e na organização das sociedades. As diversas áreas científicas especialmente as ciências humanas, tem efetuado reflexões e análises para compreender os processos de mudanças e seus desdobramentos.

Esta sociedade do conhecimento está baseada numa nova cultura da aprendizagem em que “não é só que o que ontem devia ser aprendido, hoje não o seja, que o que ontem era culturalmente relevante, hoje o seja menos. Não só muda culturalmente o que se aprende como também a forma como se aprende” (POZO, 2002, p.26). Assim, a própria noção de tempo e as dimensões espaciais tem que ser revistas

À medida que o espaço parece encolher numa ‘aldeia global’ de telecomunicações e numa ‘espaçonave Terra’ de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente, temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compreensão dos nossos mundos espacial e temporal (HARVEY, 1989, p. 219)

Enquanto o mundo avança pela segunda década do terceiro milênio, a compreensão sobre essa “aldeia global” exige cada vez mais da escola e de todos os seus agentes. A escola que temos parece ter ficado estacionada em meados do século passado. Na era da tecnologia e da informação, há tempos não somos mais os mesmos, mas ainda aprendemos como aprendiam os nossos pais. Precisamos de uma nova escola para este novo mundo.

A Escola na Sociedade do Conhecimento

Neste contexto de mudanças rápidas, a escola pouco avançou no sentido de compreender e absorver essas transformações em toda sua amplitude e sobre como utilizar, de forma positiva, suas inovações tecnológicas nos setores da informação e comunicação, por exemplo, como ferramentas metodológicas na sua responsabilidade de formação do indivíduo, tendo em vista a transmissão cultural do conhecimento acumulado historicamente:

Em toda a história da escolarização, nunca se exigiu tanto da escola e dos professores quanto nos últimos anos. Essa pressão é decorrente, em primeiro lugar, do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e, em segundo lugar, das rápidas transformações do processo de trabalho e de produção da cultura. A educação e o trabalho docente passaram então a ser considerados peças-chave na formação do novo profissional do mundo informatizado e globalizado. (FREITAS, 2005, p. 24).

Muitos entusiastas das novas tecnologias apostam no seu uso como a chave que equacionará a dificuldade de sermos profissionais formados no Século XX, trabalhando com alunos do Século XXI numa estrutura escolar idealizada no Século XIX. Nossos alunos são uma realidade de seu tempo, o tempo de hoje, e nós professores, que também somos de hoje, do agora, não podemos continuar trabalhando da mesma forma que trabalhávamos há

dez ou vinte anos, apostando naquilo que poderia dar certo naquele período. Os tempos mudam, e, como vimos, cada vez com mais velocidade.

Cobra-se hoje da educação, que ela seja cada vez mais eficiente na apreensão, por parte do indivíduo, das ferramentas que lhe permita adaptar-se a um mundo cada vez mais complexo e competitivo. Aquele senso comum de que educação e ensino são sinônimos, afinal ambos se reduzem à passagem de conhecimento, mesmo quando se trate de valores ou atitudes, visto que não contempla mais essa nova realidade. O conteúdo não é hoje o elemento mais importante e nem o educador é visto como o provedor de conhecimentos e informações e o aluno, o mero receptor de tais conteúdos:

Educar é um processo no qual a criança ou o adulto convive com o outro e ao conviver se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente, mais congruente com o do outro no espaço da convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo, de maneira recíproca como uma transformação estrutural contingente a uma história no conviver que resulta que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura segundo o conviver da comunidade aonde vivem (MATURANA, 1994, p. 26)

Nessa sociedade do conhecimento, e da aprendizagem mediada pelas novas tecnologias, o próprio conteúdo tem agora uma nova configuração, o que acaba por exigir outras metodologias de ensino. Quando se desejava apenas passar para o aluno determinado conteúdo de uma matéria como matemática ou geografia, era necessário apenas uma boa exposição de um professor, minimamente dotado deste conteúdo para se realizar o que se acreditava ser “ensinar e aprender”.

Hoje, a participação ativa dos alunos envolve uma nova relação de entendimento entre quem é que ensina e quem é que aprende afinal:

“a coisa é outra quando o que se deseja é que o educando assimile algo para além de conhecimentos e informações constantes das tradicionais disciplinas escolares; quando se quer, por exemplo, que ele desenvolva condutas relacionadas à lealdade, ao companheirismo ou ao gosto pelo saber” (PARO, 2013, p.29),

Esta situação pede mais do que apenas o domínio de conteúdo, exige que o próprio professor tenha esses valores e esteja disposto a colocá-los à disposição de sua prática cotidiana com seus alunos.

Nenhum avanço tecnológico subtraiu da escola seu papel fundamental, que segundo Demo (2006, p.12), consiste em ser “um dos lugares destinados à formação do indivíduo e à sua integração em uma comunidade de iguais”. É na escola que o indivíduo transcende seus laços familiares, étnicos ou sociais e cria um sentimento de pertencimento a uma

entidade maior chamada nação. Assim como a escola, a educação, segundo Semprini (1999, p.46), “tem igualmente a missão de conduzir a pessoa ao pleno amadurecimento de suas capacidades”. Além disso, a escola é uma instância libertadora do indivíduo, pois “após tê-lo liberado dos laços sociais, ela liberta sua mente e o transforma num homem livre e responsável” (SEMPRINI 1999, p.46). E afinal, como escreveu Paulo Freire, “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante” (FREIRE, 1997, p.19).

Enquanto atividade intrínseca à sociedade humana, o ato de educar, nos dias de hoje, precisa ser ressignificado, para que sua eficácia não se perca, pelo contrário, que sejam aprimorados seus métodos e sua importância seja realçada enquanto elemento que produz mudanças na sociedade, ao mesmo tempo em que é influenciado por elas. É necessário ligar as pontas entre o passado e o presente para que se possa projetar o futuro da educação. Como afirma Straforini:

A Educação para ter sentido à sociedade, necessariamente deve possibilitar o seu entendimento no presente. É o entendimento, o desvelamento da sociedade no presente que lhe dá sentido. [...] O presente não descarta a história e não ignora o futuro. [...]. Assim, se a Educação pretende ser transformadora, tem que dar conta do presente (STRAFORINI, 2004, p.29).

O Ensino da Geografia na Sociedade do Conhecimento

No processo de busca pelo sentido das coisas, a Geografia aparece como um caminho possível, como uma possibilidade de leitura do mundo, afinal uma ciência que tem o espaço por objeto, tem certamente as ferramentas certas para a compreensão do todo. Mas, e a Geografia diante dessa sociedade do conhecimento? Qual a sua leitura sobre este “novo mundo”? Para responder a essa pergunta, é importante, inicialmente, entender que papel tem a Geografia, enquanto ciência, na compreensão dessa nova realidade. Como afirma Andrade (1992, p.21) “admitindo-se que a geografia, em linhas gerais, seja a ciência ou ramo do saber que estuda as relações entre a sociedade e a natureza, é natural que se admita que a mesma e o geógrafo tenham compromissos maiores com a sociedade.”

A Geografia tem, pois, como matéria de trabalho, justamente essas transformações que se processam no mundo e por isso, “é preciso, então, buscarmos as bases que explicam o mundo presente e articulá-las no processo de ensino-aprendizagem” (STRAFORINI, 2004, p.29). Acreditando que a atual sociedade do conhecimento é fruto do processo de Globalização, e que esta, nada mais é que “o estágio mais avançado da espacialização capitalista” (CORRÊA, 2000, p.123), devemos entender que pouco se modificou dos interesses humanos, sobre a sua necessidade de se compreender o espaço,

na sua busca incessante por produzir e consumir a natureza, transformando-a em lucro. Como assevera Santos:

Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representada pela mais valia globalizada (SANTOS, 2000, p.24)

Assim, as avançadas tecnologias, em última instância, continuam a serviço da acumulação de riquezas, entendendo a informação e o conhecimento como a parte mais preciosa dessas riquezas. O barateamento e a facilitação do acesso aos meios de comunicação criaram a falsa ideia de uma aldeia global que possibilitaria a democratização das possibilidades. As tecnologias continuam tendo uso político e econômico na organização do espaço; e a Geografia deve estar atenta a esta condição, sendo desse processo investigadora e elucidadora enquanto prática educativa.

Santos, (2000, p.26) ainda elucida que “as técnicas apenas se realizam, tornando-se história, com a intermediação da política, isto é, da política das empresas e da política dos Estados, conjunta ou separadamente.” A sociedade do conhecimento, baseada no desenvolvimento técnico e científico, continua reproduzindo e aprofundando as desigualdades sociais, já que, inserida do modo de produção capitalista, beneficia particularmente os grupos que podem investir na produção de conhecimento científico, ampliando seus lucros e valendo-se de um padrão de consumo agora mundializado pela eficiência dos meios de comunicação em escala global, tendo na Internet seu grande agente unificador, como confirma Ianni (1999, p.109):

Toda tecnologia, na medida em que é inserida na vida da sociedade ou no jogo das forças sociais, logo transforma-se em técnica social, podendo servir a distintas finalidades. Mas, como técnica monopolizada ou administrada pelos que detêm o poder, em sociedades atravessadas por desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais, é evidente que ela tende a ser manipulada de modo a reiteirar e desenvolver as estruturas prevalecentes em suas diversidades e desigualdade.

Sendo assim, num mundo que de novo parece ter apenas avanços técnicos, visto que as bases capitalistas continuam as mesmas, cabe perguntar: para que se ensina Geografia? Por que aprender Geografia? Afinal, se ela está inserida num processo educativo, espera-se que ela esteja alinhada com uma “educação comprometida com o entendimento do mundo e com a construção da cidadania. Supõe a busca do contexto, do movimento, da coisa viva, isto é, o mundo, suas técnicas, suas ações.” (SILVEIRA, 2002, p. 63). É certo que a Geografia tem ganhado destaque diante dessas mudanças que a

sociedade tem produzido a partir de meados do Século XX, afinal, por ser definida como a ciência do espaço, é esperado que ela seja capaz de dar contribuições ao entendimento da lógica desse “novo mundo”, do entendimento de seus processos e possibilidades de futuro. Poeticamente, Oliveira (2008) nos diz:

Estudar Geografia significa abrir janelas para a percepção e compreensão das condições de vida da humanidade, é pré-requisito para a cognição do espaço – em todas as latitudes, longitudes e altitudes - no que se refere a sua formação cultural e social (OLIVEIRA, 2008, p.17)

Abrir janelas, descortinar o mundo. Uma grande responsabilidade para uma ciência que não está sozinha nesta busca, afinal, enquanto disciplina, a Geografia faz parte de um conjunto maior de saberes. É uma área do saber integrada a todos os currículos escolares dos sistemas educacionais e a todos os países, não importando o regime político-econômico ou as ideologias adotadas pelas sociedades que os compõem.

Muitos autores defendem que a Geografia seja primordial para que as atuais e futuras gerações possam acompanhar e compreender as transformações cada vez mais aceleradas de um mundo globalizado. Como conclui Straforini (2004, p.51), “a Geografia passa a ter papel de destaque na escola, pois é a única disciplina a possibilitar o acompanhamento das transformações recentes de forma integrada.” Micheleto (1997) acrescenta que num mundo marcado cada vez mais pela tecnologia, pela ciência e informação, é imprescindível aprender Geografia para compreender o todo. Straforini (2004) afirma que é papel da Geografia municiar o aluno para que ele, compreendendo o seu presente possa pensar o futuro com responsabilidade, ou, em outras palavras, ocupar-se do futuro diante do inconformismo com o presente. Cavalcanti (2006) reforça essa opinião:

Há um certo consenso entre os estudiosos da prática de ensino da geografia de que esse papel é o de prover bases e meios de desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade, ou seja, de compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço (CAVALCANTI, 2006, p. 31)

O conhecimento da totalidade: a Geografia deve responder a esta necessidade ao promover uma tomada de consciência por parte do aluno de sua realidade, o que implica entender as reais condições materiais de sua existência. Segundo Gebran (1990), a Geografia pode ser um instrumento de transformação, desde que se livre dos parâmetros tradicionais de pontos geográficos, rios, picos. Ela “precisa deixar de ser apolítica, pois ela é justamente um modelo politicamente conservador, produtor de uma cidadania contemplativa, inerte” (GEBRAN, 1996, p. 11).

Nessa busca, como afirmamos anteriormente, a Geografia não pode ser descolada do sentido maior da Educação. Talvez por essa questão da espacialidade, tão presente em sua essência, haja uma cobrança maior dos alunos e da sociedade em geral para que ela seja uma facilitadora da compreensão de tantas mudanças. Mas, ainda segundo Straforini (2004, p. 53):

Os argumentos sobre a importância do ensino da Geografia nas escolas não podem ficar descolados do objetivo maior da Educação. De fato, não compete exclusivamente a essa disciplina o papel transformador da sociedade. Não será ela a grande mártir da transformação ou da revolução. Pensar a Educação nesse sentido evoca a ideia de totalidade, pois, ao contrário, estaríamos reproduzindo a fragmentação do conhecimento, tão perfeitamente utilizada pelos sistemas dominantes para a manutenção do status quo (STRAFORINI, 2004, p. 53)

O ensino da Geografia deve aliar domínio de conteúdo com a prática pedagógica, e, a despeito do desconhecimento por parte de muitos professores, esse trabalho está “ancorado em pressupostos epistemológicos convergentes” (CASTROGIOVANNI, 2011, p.16). Desse modo, é necessário entender quais as conexões entre Educação e Geografia para se definir os caminhos que ela deve seguir. Admitindo-se que a Educação tem como principal objetivo construir o conhecimento e que essa construção resulta de um processo de elaboração subjetiva a partir das trocas diárias diante da realidade da vida, entendemos que o conhecimento produzido deve ser uma síntese dessa própria realidade.

O ensino da Geografia deve valorizar essa consciência de “lugar” como uma espacialidade presente e próxima do aluno. Um espaço múltiplo de construção de relações sociais e da sociedade com a natureza que a envolve, não importando se essas relações são objetivas e materiais ou culturais e simbólicas. Segundo Callai (2002), essa consciência espacial é bem explicitada, quando ela diz:

O conteúdo da Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores) o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa ‘uma consciência espacial’ das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo (CALLAI, 2002, p.93)

Quando se analisa geograficamente o mundo, busca-se o entendimento dos processos que explicam a produção do espaço, e isto é dinâmico, é vivo e faz parte da realidade concreta dos alunos. Aceitar essa condição de ciência viva nos afasta daquela Geografia tradicional, que apelava para a memorização de nomes e localização dos “acidentes geográficos” ou para a descrição daquilo que se vê na paisagem, sem tentar entender a sua gênese. Ela deve ir além, como resume Castrogiovanni (2011):

Ensinar a Geografia é, portanto, analisar historicamente o Espaço Geográfico, esse que é o espaço da existência de homens e mulheres, e isto, em última instância, é compreender sua gênese e não apenas conteúdo”. (CASTROGIOVANNI, 2011, p.19).

O estudo e o ensino da Geografia devem ir para além da aparência, deve ser dinâmico e ilimitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas considerações sobre o que é a Geografia e como ela deve ser “ensinada”, levando em conta a sua possibilidade concreta de estar próxima dos alunos (visto que trabalha com a realidade deles), sendo portanto mais “fácil” para o professor atrair a atenção e o desejo dos seus alunos pelo seu conteúdo, por que tantos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina chata, repetitiva, maçante, desinteressante e desinteressada? Como isso pode acontecer se o pensamento geográfico modificou-se tanto ao longo dos anos e continua a mudar no século XXI? Um pensamento que:

[...] coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões. Ela preocupa-se com as inquietações do mundo atual, buscando compreender a complexidade da forma como ocorre a ordem e a desordem do planeta. Na realidade ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos. CASTROGIOVANNI,2007, p.42)

Estará a Geografia sofrendo do mesmo mal de que padece a educação como um todo, vivendo uma crise de seus processos e eficácias? Ou esse desencontro e desencanto ocorrem pelo fato de a Geografia continuar sendo trabalhada por seus mediadores da mesma forma? Como a Geografia continua sendo vista pelos alunos, não obstante as suas grandes possibilidades diante das inovações tecnológicas?

Existe um movimento de professores e pensadores da educação que está se debruçando sobre isso, e cada um de nós, dentro de cada realidade, pode e deve dar a sua contribuição. Como diz Padilha (2007, p.131), enquanto educadores, devemos “reaprender a cuidar tanto de nós mesmos quanto das atuais e futuras gerações, de ensiná-las e de aprender com elas”, que a construção do conhecimento deve ser algo coletivo, não perdendo de vista a humildade do “diálogo entre os sujeitos mediatizados pelo mundo que o conhecimento constrói.” (ANTUNES, 2007, p.39).

A busca por esse melhor de nossa prática, enquanto educadores que têm na Geografia sua ferramenta de trabalho, deve servir, antes de mais nada, para “a criação de

novos espaços, tempos e condições de reflexão sobre nossas práticas, como forma de fundamentá-las e de, processualmente, melhorar o nosso trabalho e a nossa ação pedagógica” (PADILHA, 2007, p.132). Devemos estar atentos a necessidade da motivação e da criatividade e:

[...] incentivar, nas nossas práticas educacionais, sociais, culturais, ambientais, políticas e históricas a livre manifestação das pessoas, a criatividade e o reencantamento com a própria existência, mediante o fortalecimento das identidades individuais e coletivas que são, ao mesmo tempo, múltiplas e híbridas (PADILHA, 2007, p. 132)

De fato, o que importa e nos anima a perseverar nesse maravilhoso ofício de ensinar é não nos permitir jamais abandonar o hábito de sermos eternos questionadores de nós mesmos e de nosso trabalho: “Será que as práticas escolares que estamos propondo facilitam o processo de aprendizado? Gostaríamos de ser alunos dessa escola?”(CASTROGIOVANNI, 2013, p. 36), devemos ir além e perguntar “gostaríamos nós, enquanto professores de Geografia, de sermos nossos próprios alunos”? Todos esses questionamentos podem ser a bússola para que os “operadores” da Geografia possam continuar orientando o mundo rumo a sua própria compreensão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C; MACEDO, V.C..Ensino de Geografia: O Teatro como Prática Metodológica. In: **Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade**, 5., 2011. São Cristovão. 2011. p.1-10

CALLAI, H. C. O Emílio, de **Rosseau: contribuições para o estudo do espaço e da geografia**. In: CASTELLAR, S. (Org.) Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2006

_____. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.) Ensino da Geografia. Práticas e textualizações no cotidiano. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CASTROGIOVANNI, C.A. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre; 2014. Mediação.

_____, C. A. **Movimentos no ensinar geografia**. In TONINI, I. M. In KAERCHER, N. A. Porto Alegre; 2013. Imprensa livre: Compasso Lugar – Cultura.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, São Paulo; 1998. Papirus.

_____, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino: Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtivista**. Goiânia, Alternativa, 2002.

CORRÊA. R. L. **Rede Urbana e informação espacial – uma reflexão considerando o Brasil. Território**. Ano V. n 8. LAGET, UFRJ: Rio de Janeiro, 2000.

CORTELLA, M. S. **Educação, escola e docência; novos tempos, novas atitudes**. São Paulo; 2014. Cortez.

COSTELLA, R.Z. **Ensinar o quê...para quê... quando... desafios da geografia na contemporaneidade**. In: GOULART, L.B. et alii (Org.) Santa Cruz do Sul – RS: Edunisc, 2014.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia; saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GEBRAN, R. A. **Como o rio não cabia no meu mapa, eu resolvi tirá-lo... O ensino de geografia nas séries iniciais do primeiro grau**. Campinas: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/Unicamp, 1990.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

IGLÉSIAS, Francisco. **A revolução industrial**. 10 ed. São Paulo: 1990, Brasiliense. 116p.

KLAUS, S. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo; 2016. Edipro.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MATURANA, H. **Emociones y lenguaje en educacion y política**. Séptima edición. Colección Hachette/Comunicación. Santiago, Chile: CED, 1994..

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**; In: MORAN, José Manuel;

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. São Paulo, SP: Editora Scipione, 1997.

- PADILHA, P. R. **Educar em Todos os Cantos: Reflexões e Canções por uma Educação Intertranscultural**. São Paulo; Cortez, 2007.
- PARO, V. H. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. São Paulo; 2010. Cortez.
- POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PUNTEL, G. A. **Os mistérios de ensinar e aprender geografia**. In: In: REGO, N. et alii (Org.) **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. São Paulo: Artmed, 2007.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000
- SCHWAB, K. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2016
- SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- SILVEIRA, M. L. **Da educação mutilada à construção da cidadania**. In: VALE, José Misael Ferreira (Org.). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: Sociedade, 2002.
- STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: O Desafio da Totalidade- mundo nas séries iniciais**. São Paulo; 2004. Annablume.
- TOFFLER, Alvin. **A terceira onda. Tradução de João Távora**. 4 ed. Rio de Janeiro. Record, 1980. Tradução de: The third wave.